

Símbolo da medicina

Medicine symbol

Clarissa Nóbrega Gambarra Nascimento⁽¹⁾, Moara de Oliveira Ramos⁽¹⁾, Arnaldo Lichtenstein⁽²⁾

Nascimento CNG, Ramos MO, Lichtenstein A. Símbolo da medicina. Rev Med (São Paulo). 2006 abr.-jun.;85(2):66-70.

RESUMO: Este artigo aborda os aspectos histórico e mitológico do símbolo da medicina e a errônea difusão do *caduceus* de Hermes.

DESCRITORES: História da Medicina. Emblemas e insígnias. Mitologia.

INTRODUÇÃO

A sclépio, Hermes, serpente, bastão, caduceus. O que essas palavras têm em comum? Todas elas estão de alguma forma relacionadas ao Símbolo da Medicina. Grande parte da simbologia do mundo ocidental tem origem na cultura helenística, que foi passada para a cultura latina e assim difundida na cultura ocidental. Asclépio, por exemplo, é tido tradicionalmente na Mitologia Grega como deus da Medicina e possui íntima relação com o símbolo (bastão com uma serpente enrolada) atualmente utilizado para representar esta área do conhecimento. Não existe consenso sobre o significado dos elementos presentes no símbolo de Asclépio. O enfoque deste texto será na história mitológica do deus da Medicina.

Apesar de tradicionalmente Asclépio ser o deus da Medicina, depois da 1ª Guerra Mundial um outro símbolo passou a ser difundido. Este é o Símbolo de

Hermes, deus do comércio. Seu ícone é o caduceus, bastão com duas cobras enroladas e duas asas. Hermes também era o mensageiro dos deuses e o responsável por enviar os mortos para o mundo de Hades. As razões para o errôneo uso deste como Símbolo da Medicina será discutido ao longo deste artigo.

História Mitológica de Asclépio e de Hermes

Na mitologia grega Hermes era filho de Zeus e Maia. Logo que nasceu foi enfaixado e levado para um vão de um salgueiro, árvore sagrada que representa a fecundidade e imortalidade. Libertou-se no mesmo dia e roubou o rebanho de Admeto que seu irmão Apolo cuidava. Negou sua autoria, mostrando desde cedo seu caráter desonesto, trapaceiro, astuto e mentiroso. Sacrificou duas

⁽¹⁾ Acadêmicas do 2º ano do Curso de Medicina da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo.

⁽²⁾ Orientador. Doutor pela Universidade de São Paulo. Médico Assistente do Serviço de Clínica Médica Geral do HC-FMUSP. Professor Colaborador da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo.

Endereço para correspondência: Departamento Científico do CAOC. Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo. Av. Dr. Arnaldo, 455 – Subsolo. 01246-903 São Paulo – SP. e-mail: clangn@hotmail.com

ovelhas aos deuses e dividiu-as em doze pedaços. No entanto, só havia onze deuses. Com o 12º pedaço Hermes se auto nomeou o 12º imortal morador do monte Olimpo. A briga entre Hermes e Apolo só foi resolvida com a intervenção de Zeus que obrigou Hermes a confessar o seu delito. Para se reconciliar com o irmão, Hermes presenteou-o com a lira que havia inventado esticando sobre o casco de uma tartaruga cordas fabricadas com tripas de boi¹. Depois, Hermes inventou a flauta de Pã (syrinks) que trocou pelo caduceu (palavra do latim, que veio do grego *kherykeion*, bastão dos arautos) de ouro de Apolo. Daí surgiu o símbolo de Hermes, inicialmente sem as asas. **Caduceus**, em latim, é a tradução do grego *kherykeion*, bastão dos arautos, que servia de salvo-conduto, conferindo imunidade ao seu portador quando em missão de paz¹. As duas serpentes, neste contexto, representam o diurno e o noturno, o benéfico e o maléfico, que em equilíbrio são responsáveis por conferir a paz.



Figura 1. Hermes method of flying (with the help of Zephyrus) 1580, Giambologna (Jean de Boulogne), French/Italian Sculptor, 1529-1608

Hermes tinha a capacidade de mover-se a velocidade do pensamento, por isso tornou-se mensageiro dos deuses. Era responsável também por levar os mortos para o mundo subterrâneo de Hades. Era considerado o deus dos viajantes e das estradas¹.

Com a Conquista da Grécia pelos romanos a cultura grega foi assimilada por eles incluindo a mitologia grega. Os nomes dos deuses foram trocados. Hermes passou a ser chamado de Mercúrio. O metal mercúrio (inicialmente conhecido como hidragirus pelos gregos) é assim chamado devido a sua mobilidade tornando-o de difícil apreensão. O nome do planeta Mercúrio lhe foi dado, pois é o planeta mais veloz do

Sistema Solar¹. Isso leva a crer que os nomes do metal e do planeta estão associados ao fato de Hermes se mover na velocidade do pensamento e isto que dá o cargo de deus dos viajantes. Naquele período, os comerciantes eram verdadeiros viajantes e o comércio era realizado por ambulantes. Hermes passou a ser o deus do comércio. Na realidade o nome Mercúrio vem de *merx* que em latim significa mercadoria, negócio.

A lenda de Asclépio (ou Esculápio dos romanos) data de 700 a.C e foi relatada por Hesíodo.

Asclépio, por outro lado é considerado o deus da Medicina pela cultura Greco-Romana de 1200 a.C. a 500 d.C. Para os romanos era conhecido como Esculápio. Em momentos de doença era por Asclépio que eles oravam. O próprio Hipócrates, considerado pai da Medicina, menciona Asclépio e seus descendentes Higeia (a saúde, que originou a palavra higiene, representa hoje a prevenção e promoção da saúde) e Panacea (a que socorre a todos e simboliza a terapêutica) em seu famoso juramento, repetido há muitos anos pelos médicos recém formados “Eu juro, por Apolo, médico, por Esculápio, Higeia e Panacea, e tomo por testemunhas todos os deuses e todas as deusas”. Asclépio ainda é mencionado por muitos outros médicos importantes dentro da história da Medicina². Telésforo era o terceiro filho, e representa a convalescência.

Asclépio era filho de Apolo e Coronis. Coronis foi assassinada por Artemis, irmã e esposa de Apolo, a mando deste por ciúmes devido a traição de Coronis com Ísquis. No entanto, Coronis estava grávida. Apolo, então, arrancou-lhe a criança do ventre entregando-a ao centauro Quíron para ensinar-lhe a arte de curar. O nome Quíron em grego é *Kheíron* que vem de *kheirurgós* (aquele que trabalha com as mãos), da onde surgiu o nome cirurgião.

Asclépio era habilidoso na arte da cura. Sabia usar as plantas medicinais e além de curar passou a ressuscitar os que ele já encontrava mortos. Isso causou temor em Hades que fez com que Zeus o matasse com um raio. Zeus arrependeu-se depois e transformou-o em deus. Em uma de suas visitas ao Olimpo uma cobra enrolou-se em seu cajado onde permaneceu formando assim, o Símbolo da Medicina¹. Outra lenda explica a presença da cobra no cajado de Asclépio². Este foi examinar Glaukos, o qual Zeus havia matado com um raio. Durante o exame, Asclépio foi surpreendido por uma cobra e a matou com o seu cajado. No entanto, outra cobra apareceu com ervas que colocou na boca da cobra morta e a reviveu. Asclépio aprendeu a lição e usou as mesmas ervas para reviver Glaukos. Como sinal de respeito passou a usar uma serpente enrolada em seu cajado como seu símbolo.



Figura 2. À direita o símbolo de Asclépio e à esquerda o *caduceus* de Hermes

Não há consenso quanto ao significado do cajado e da cobra. Rezende¹ citou algumas:

Em relação ao bastão:

- Árvore da vida, com o seu ciclo de morte e renascimento;
- símbolo do poder, como o cetro dos reis;
- símbolo da magia, como a vara de Moisés;
- apoio para as caminhadas, como o cajado dos pastores.

Em relação à serpente:

- Símbolo do bem e do mal, portanto, da saúde e da doença;
- Símbolo do poder de rejuvenescimento, pela troca periódica da pele;
- Símbolo da sagacidade;
- Ser ctônico, que estabelece a comunicação entre o mundo subterrâneo e a superfície da Terra; elo entre o mundo visível e o invisível.

A serpente, como símbolo da cura já era adotada desde o início da civilização: vem dos tempos dos babilônios. Na lenda do príncipe Gilgamés, a serpente após comer a erva da vida despiu-se da pele envelhecida e se rejuveneceu.

Na mitologia hindu, Vishnu, o deus da preservação era representado por uma cobra da eternidade chamada Ananta

Os sumérios, iniciadores da religião mesopotâmica, tinham entre seus deuses Ningishzidu, deus da cidade de Gishibanda, perto de Ur, no sul da Mesopotâmia. Seu nome significa Deus protetor das plantas e era representado por duas serpentes crescendo de seus ombros. A serpente, chamada de Sachan era símbolo de juventude e saúde, pois além de trocar de pele, rejuvenescendo-se, vivia próximo das profundezas da terra, onde habitava Ea, deusa das águas e da saúde. Gilgamés,

soberano de Uruk foi atrás da erva da vida após seu amigo Enkidu morrer. Mergulhou com pedras até o fundo do oceano primordial e lá encontrou a erva milagrosa. No caminho de volta, os deuses mandaram-lhe um grande calor e então teve que banhar-se em águas frescas. As ervas deixadas nas margens foram comidas por uma serpente. A erva agiu imediatamente e a serpente despiu sua pele rejuvenescida. A erva continuou perdida e com isto os deuses impediram os homens de se libertarem da doença e da morte. Esta foi a primeira epopéia descrita da Humanidade. Cálice dedicado por Gudea, príncipe de Lagash, a Ningishzidu data de 2000 a.C. e encontra-se no museu do Louvre.

Paul Dieul⁴ ainda fez outra análise e relacionou o ícone ao mito judaico “É a árvore do conhecimento e, portanto da espiritualização progressiva, envolto por um demônio sedutor. A serpente representa a vaidade, a figura do “pecado original” judaico, a vida do corpo e a morte da alma, vão contra o sentido da vida”. Considerando este conceito a função do médico é garantir a saúde da alma e do corpo.

Na cultura ocidental o símbolo foi reconhecido com sendo o Símbolo da Medicina principalmente depois da Reforma Protestante².

Caduceus de Hermes e sua utilização como símbolo da Medicina

Como citado anteriormente, o *Caduceus*, bastão dos arautos que servia de salvo conduto, conferia imunidade ao seu portador em missão de paz. Foi também o presente concedido a Hermes, mensageiro dos deuses e deus do comércio, por seu irmão Apolo e tornou-se, posteriormente, um dos



Figura 3. Asclépio, o deus da Medicina. Cópia romana provável de um original grego da autoria de Alcámenes. Data do original: c. -400. Musei Vaticani, Braccio Nuovo.

símbolos adotado para representar a medicina. Resta a pergunta: por que o símbolo do deus do comércio passou a ser usado também como símbolo da arte de curar?

Há diversas razões históricas para isso. A mais antiga delas data de 1538 quando o tipógrafo suíço Johannes Froben usou o caduceu, que era o símbolo de sua tipografia, na publicação de obras de Hipócrates. O fato do caduceu ser o símbolo da tipografia tem duas explicações possíveis. A primeira é que a imprensa transmissora de mensagens, como Hermes era o mensageiro do Olimpo. A segunda versão é mais antiga e provém da assimilação do deus Thot a Hermes. O deus Thot dos egípcios era o deus da palavra e do conhecimento, a quem se atribuía a invenção da escrita. Dessa assimilação resultou-se o Hermes egípcio ou Hermes trimegisto (três vezes grande). Na Idade Média, a literatura esotérica chamada de hermética, versava sobre ciências ocultas, astrologia e alquimia. A partir daí passou-se a confundir-se o símbolo de Hermes com o da alquimia, ao da alquimia seguiu-se para o da farmácia e desta para a medicina.

Outro fato que contribuiu para esta confusão entre os símbolos é o de se conferir o mesmo nome de caduceu ao bastão de Asclépio, criando-se uma nomenclatura binária de caduceu médico. Este erro data do século XIX e consolidou-se em 1901 quando o exército francês fundou um jornal de cirurgia e de medicina chamado *Le caducée*, no qual estão estampadas duas figuras estilizadas do símbolo de Asclépio, com uma única serpente. Desde então, a palavra caduceu tem sido usada para nomear tanto o símbolo de Hermes quanto o bastão de Asclépio.

Além dos motivos já citados anteriormente, vale ressaltar também a importantíssima influência da adoção do caduceu de Hermes como insígnia do departamento médico do exército americano. A substituição da cruz de Malta, símbolo anteriormente usado pelo departamento, pelo caduceu foi proposta em 1902 pelo capitão Frederick P. Reynolds sob a

seguinte argumentação: “Desejo particularmente chamar a atenção para a conveniência de mudar a insígnia da cruz para o caduceu (...). O caduceu foi durante anos a insígnia de nossa corporação e está inalienavelmente associado às coisas médicas. Está sendo usado por várias potências estrangeiras, especialmente a Inglaterra. Como figura, deve-se reconhecer que o caduceu é muito mais gracioso e significativo do que o atual emblema” (cruz de Malta). Tal argumentação revela a falta de conhecimento histórico/mitológico do capitão o qual levou-o a confundir os dois símbolos. O caduceu jamais fora a insígnia da corporação, mas do pessoal de apoio dos hospitais. O bastão de Asclépio e não o caduceu é que está historicamente associado à medicina. Tanto na Inglaterra, como na França e na Alemanha, os serviços médicos das forças armadas utilizavam o bastão de Asclépio em seus emblemas e não o caduceu de Hermes.

Deste modo, o caduceu foi implantado e se mantém até hoje como insígnia do Corpo Médico do Exército norte-americano, o que muito contribuiu, sobretudo após a Primeira Guerra Mundial (1914-1918) para a sua difusão, dentro e fora dos EUA, como símbolo da medicina.

DISCUSSÃO

De acordo com o dicionário Aurélio⁵, a definição de símbolo é aquilo que substitui outra coisa, ou aquilo que, por sua forma ou natureza evoca, representa ou substitui, num determinado contexto, algo abstrato ou ausente. Considerando essa definição, não se pode associar o símbolo de Hermes ao símbolo da Medicina, uma vez que seu significado não o representa e muito menos o substitui. Além disso, não é interessante associar a Medicina a um deus astuto e desonesto, como o deus Hermes. Sendo assim, vale frisar a importância de se divulgar o símbolo correto da Medicina, e o símbolo que verdadeiramente a representa é o de Asclépio.

Nascimento CNG, Ramos MO, Lichtenstein A. Medicine symbol. Rev Med (São Paulo). 2006 abr.-jun.;85(2):66-70.

ABSTRACTS: This article is about the mitologic and historical aspects of the medicine symbol and the wrong spread of Herme's Caduceus.

KEY WORDS: History of medicine. Emblemas and insignia. Mythology.

REFERÊNCIAS

1. Rezende JM. O símbolo da medicina: tradição e heresia. ~~Palstana Jornada de Clínica Médica para~~ Estudantes de medicina, Goiânia, 19 ago. 1998. (citado em 29/out/2002. Disponível em: <http://usuarios.cultura.com.br/jmrezende/simbolo.htm>)
2. Wilcox RA, Whitham EM. The symbol of modern medicine: why one snake is more than two. *Ann Intern Med.* 2003;138(8):673-7.
3. Mazzeiri BR. Símbolos na medicina. São Paulo: Museu Histórico da FMUSP Prof. Carlos da Silva Lacaz; 1995. p.13-4. (Série História da Medicina).
3. Ferreira ABH. Novo dicionário da língua portuguesa. 2. ed. rev. aum. Rio de Janeiro: Ed. Nova Fronteira; 1986. p.1586.
4. Thorwald J. O segredo dos médicos antigos. 10a. ed. São Paulo: Melhoramentos; 1990.
5. Martire Júnior L. História da medicina. Curiosidades e fatos. Itajubá: Faculdade de Medicina de Itajubá; 2004.
6. Geelhoed GW. The Caduceus as a medical emblem. Heritage or heresy? *South Med J.* 1988;81:1155-61.
7. Metzger WS. The Caduceus and the Aesculapian staff: ancient eastern origins, evolution and western parallels. *South Med J.* 1989;82:743-8.